

## opinião

## FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL  
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.PUBLISHER: Luís Friaus  
DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Dávila  
SUPERINTENDENTES: Carlos Fonce de Leon e Judith Brito  
CONSELHO EDITORIAL: Fernando Diamante, Hélio Schwartzman, José Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Laiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pessio Arão, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luis Friaus e Sérgio Dávila (secretário)  
DIRETOR DE OPINIÃO: Gustavo Fátu  
DIRETORIA EXECUTIVA: Alexandre Bonazzi (financeiro, planejamento e novas negócios), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benes (comercial)

## EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

## Ponto de inflexão

Confronto de 45 anos entre Irã e EUA chega a novo patamar com ataques de Teerã em países vizinhos

Desde que partidários da Revolução Islâmica atacaram a Embaixada dos Estados Unidos em Teerã em 1979 e fizeram 52 reféns por 44 dias, o confronto define a relação entre Washington e o Irã. Ao longo dos anos, tensões proliferaram, mas foram poucas as vezes em que a crise chegou ao ponto de uma guerra — episódio mais recente foi o assassinato em 2022 do principal general iraniano pelos EUA em Bagdá, seguida por ataques a bases americanas no Iraque.

O padrão, contudo, sempre foi de luta por procuração, em particular por parte de Teerã e sua ampla rede de aliados regionais. Mas a recente crise no Oriente Médio, com o brutal ataque terrorista do Hamas palestino contra Israel e a devastação em curso de Gaza pela retaliação de Tel Aviv, reacendeu conflitos potenciais.

O Hamas não conseguiu uma grande guerra regional imediata, e sim um jogo de espera e atrito. O Irã pesou o risco da reação dos EUA, que enviaram poderosos reforços à região, e de Israel, com suas atômicas e 90 bombas aéreas. Nas últimas semanas, a dinâmica mudou. Os houthis, rebeldes iemenitas armados pelo Irã, incrementaram seus ataques no mar Vermelho, obrigando reação americana para tentar manter a rota comercial aberta. E o Irã passou a sim-

lizar aos Estados Unidos que não está tão passageiro quanto parecia. Na semana passada, bombardeou bases de grupos rivais a quem acusa de terrorismo na Síria, Iraque e Paquistão. Enquanto os dois primeiros países são vassallos dos iranianos, o último é a única potência nuclear muçulmana, e seu Ejeixo revidou o ataque, como se quisesse empatar o jogo.

Tudo isso sugere a chegada a um ponto de inflexão no Irã. Seu governo enfrenta protestos devido à crise econômica decorrente da pandemia e das sanções americanas. Os Biden ensaiou levantis-las, porém manteve a posição de Donald Trump, que abandonou em 2020 o acordo de 2015 que trocava o fim das punições pela renúncia do Irã a produzir armas nucleares. O comedimento do Irã até aqui sugeria temor de que a guerra des-

se desviasse o regime, mas um conflito algo limitado com os americanos pode encerrar a teocracia. Se Teerã estiver convencida de que Biden não se envolveria em mais do que bombardeios pontuais para evitar uma guerra impropria, sua linha-dura poderá se sentir a incêndiar de vez a região. Tal desmoronar é incerto, mas seria capaz de gerar um cenário nefasto para a paz e a economia global, dada sua dependência do petróleo explorado no Oriente Médio.

## Curva perigosa

Alta de mortes no trânsito de SP exige fiscalização rigorosa, farta sinalização e campanhas educativas

"Cuidado ao travessar" essas ruas", immortalizou Adonir Barboza, ainda em 1976, na clássica "Tracema". Quase 70 anos depois, o alerta de perigo no trânsito paulistano segue vivo — não só para os pedestres, mas também para condutores e, sobretudo, motociclistas.

Segundo dados do Infogisa, o sistema de monitoramento de acidentes do governo estadual, o total de mortes nas ruas de São Paulo no ano passado foi o maior desde os 1.229 de 2015. Desta vez, houve 987 óbitos — quase três por dia, ou 7,6% a mais do que em 2022 (917). Os motociclistas respondem por 43% do morticínio (424 casos), seguidos por pedestres (358), ocupantes de automóveis (121) e ciclistas (53). Homens de 18 a 29 anos formam a maioria dessas vítimas.

Lidar com a questão exige abordagens multifatoriais, inclusive sob a realidade dos novos tempos. A explosão da frota de motos, impulsionada pelo delivery, é uma das justificativas, mas não a única. De fato, impulsionada pela regulamentação por produtividade, ovens entregadores sobre duas rodas não raro avançam a sinal vermelho, ignoram os limites de velocidade e fazem conversões proibidas.

A distração motivada pelo uso do celular durante os deslocamentos — risco compartilhado também por pedestres e motociclistas —

complementa o potencial danoso. Ações da gestão Ricardo Nunes (MDR), como faixas azuis (exclusivas para motos), áreas calmas (onde a velocidade é de até 30 km/h) e mais tempo de travessia para pedestres nos cruzamentos, são positivas, mas insuficientes.

Por conveniência ou não, lamenta-se que, diante de números trágicos já em 2022, a prefeitura tenha abolido em abril a meta de reduzir as mortes para 745 por 100 mil habitantes — a substituição de forma genérica, por "realizar ações" de contenção. Registre-se: em 2023 foram mais de 8 por 100 mil.

Cabe ao poder público esmiuçar os dados de cada uma dessas mortes, identificar correspondências e traçar medidas específicas nas vias mais perigosas, contemplando os grupos mais vulneráveis.

É urgente investir em sinalização viária abundante, semáforos menos falhos e calçadas e faixas de pedestres adequadas; regular a circulação da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET); ampliar a fiscalização, principalmente de motociclistas, com mais agentes nas ruas e radares específicos. Nada é mais premente, contudo, do que fomentar campanhas educativas intensivas e permanentes, em todos os níveis, desde o ensino infantil. O destino de Tracema pode estar na próxima esquina.



## Lula é um oportunista

Hélio Schwartzman

Lula é um oportunista, no que o termo encerra de positivo e de negativo. Quando viu que enfrentaria uma disputa difícil contra o então presidente Jair Bolsonaro, o petista veio com o discurso da frente ampla para salvar a democracia e convidou o ex-adversário Geraldo Alckmin para compor a chapa, na posição de vice. Com isso, conseguiu atrair o voto de eleitores que faziam restrições ao PT, mas tinha ainda mais medo de Bolsonaro. Deu certo. Lula venceu por estreita margem.

O panorama agora é outro. O TSE tornou Bolsonaro inelegível. Isso é bom para Lula e o PT. O bolsonarismo sem Bolsonaro fica enfraquecido, mas ainda é forte o suficiente para impedir o surgimento de outras forças opositoristas. Lula já não necessita do discurso da frente ampla. Isso lhe deu liberdade para tentar reescrever a história, em linhas que podem ajudar seu partido nos pleitos municipais deste ano. Os casos de corrupção no entorno da Petrobras, que o próprio Lula já reconheceu como reais ("We did not do

de dizer que não há corrupção, se as pessoas confessaram"), acabam de se tornar uma orquestração dos Estados Unidos com juízes e procuradores brasileiros para prejudicar a empresa petrolífera.

Não foi a única reviravolta conceitual de Lula, que fez quando de subir a rampa do Planalto acompanhado de ministros, mas não se escondeu tanto para encontrar mulheres para pôr no STF ou que agora empresta a Advocacia-Geral da União para fazer com os machucados dos militares, que insistem em vetar a incorporação de membros do sexo feminino em unidades de combate.

Fazer política é negociar. Daí que o discurso de políticos é necessariamente menos definitivo do que o de líderes religiosos, por exemplo. O problema é que, quando as mudanças batem de frente contra os fatos ou soam muito oportunistas (agora ali no sentido pejorativo), contribuem para o descrédito da própria política, o que é ruim para a democracia.

heliog@uol.com.br

## A força do trator

Dora Kramer

O governo vem tentando dourar a pílula no caso da medida provisória que cobra de imposto sobre as folhas de pagamentos das empresas contempladas com a desoneração, aprovada com ampla maioria no Legislativo. O ministro da Fazenda diz que a decisão final será do presidente da República, que faz discurso criticando o empresariado por excesso de ganância.

Não era real não é nada disso. Lula acusa os empresários porque não pode chamar de gananciosos os congressistas para não arrumar mais confusão do que já arrumou tentando testar os limites do Parlamento na afronta explícita a duas decisões inequívocas. Fernando Haddad tenta suavizar e disfarçar dizendo que a decisão cabe ao presidente, mas já está tomada pelo Congresso.

Todo mundo ouviu o senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) anunciar no final da semana passada que o governo vai retirar a MP. O comunicado não partiu do Planalto, mas do presidente do Senado, e sem deixar margem para negociação. Era a revogação ou a devolução da medida.

Outro dois pontos da MP andam ao objeto de conversação, mas o principal, onde reside a derrota do teste, era a desoneração. O governo vê o anuímento de 2023 para tratar do mérito, deixando para fazer isso com o que a decisão final será do presidente da República, que faz discurso criticando o empresariado por excesso de ganância.

O episódio aconselha o presidente a ir devagar com a ideia de firmar aliança com o Supremo Tribunal Federal para se desvendar das dificuldades no Legislativo, onde há poder de sobra. Para impedir mandatos de presidente e de ministros do STF, para emendar a Constituição, para derubar vetos do Executivo, para aprovar plebiscitos, para recusar nomeações, para devolver medidas provisórias, para trancar pautas de interesse do governo.

Não se chegou a esse ponto. Mas, caso o Congresso seja ponto de escanção, não hesitará em acionar o trator da maioria: tanto a oposição quanto por convicção como a governista por conveniência.

Não se chegou a esse ponto. Mas, caso o Congresso seja ponto de escanção, não hesitará em acionar o trator da maioria: tanto a oposição quanto por convicção como a governista por conveniência.

Não se chegou a esse ponto. Mas, caso o Congresso seja ponto de escanção, não hesitará em acionar o trator da maioria: tanto a oposição quanto por convicção como a governista por conveniência.

## Não foi a esquerda

Juliano Spyer

Antropólogo, autor de "Fino de Deus" e criador do Observatório Evangélico e do site de consultoria Net+Net

O Encontro para a Consciência Cristã, um evento que reúne anualmente milhares de evangélicos conservadores, cancelou a presença do pastor Douglas Wilson. A polémica começou na última terça quando o teólogo e militante antirracista Ronaldo Pacheco denunciou que o encontro estava prestes a receber um "pastor dos EUA, que defende a escravidão".

A organização do evento atribuiu o cancelamento a questões de segurança. Eles enfatizaram a necessidade de "garantir a segurança física do pastor". Em movimento similar, os juristas evangélicos Thiago Rafael Veira e Jean Marques Regis apelaram essa visão. Eles denunciaram o cancelamento como "exemplo da força do discurso do ódio", atacando os que se opõem à presença do pastor.

Eles escreveram: "Muitos críticos progressistas atacaram a organização do evento, alegando que ela estaria trazendo ao Brasil um pastor reformado defensor da escravidão". Mas, segundo eles, "essa é uma grande fake news". Argumentam que a presença de Wilson foi apenas no contexto, defendendo que ele, na verdade, falou que "a abolição da escravidão deveria ter acontecido de maneira gradual".

O comunicado da Consciência Cristã aos juristas deu espaço para mencionar alguns pontos. Foi omitido, por exemplo, que a pressão para cancelar Wilson veio não apenas de progressistas, mas também de uma parte dos conservadores. "Wilson está dizendo que foi cancelado no Brasil por causa da intolerância da esquerda", escreveu o teólogo Norma Bragança X. "Há uma plateia no Brasil que não queríamos ele aqui, seu uma conservadora reformada".

Igualmente grave e chocante para esses conservadores é a postura de Wilson como pastor. O também conservador Yago Martins revelou em vídeo que ele é envolvido em algo "muito obscuro e doloroso: o encobrimento de casos de pedofilia e abuso sexual nas igrejas".

O presbiteriano André Venâncio criticou, em um fio no X, a estratégia dos organizadores do encontro de promover uma visão simplista de luta do bem contra o mal em que a esquerda é o inimigo supremo. "Um exemplo claro disso é a facilidade com que qualquer teólogo moderado tenha a oportunidade de atrair para suas campanhas os muitos evangélicos conservadores que rejeitam o fundamentalismo e o apertamento de igrejas para fins políticos."

Em 2023, a polarização uniu a maioria dos evangélicos contra a esquerda. Este ano, candidatos moderados terão a oportunidade de atrair para suas campanhas os muitos evangélicos conservadores que rejeitam o fundamentalismo e o apertamento de igrejas para fins políticos.